

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

LUIZ HENRIQUE FIALHO CLARO DE CARVALHO

**LIVRO-REPORTAGEM: “FUTEBOL É COISA DE HOMEM” – O IMPACTO
DA HOMOFOBIA NO ESPORTE**

GUARATINGUETÁ
2024

LUIZ HENRIQUE FIALHO CLARO DE CARVALHO

**LIVRO-REPORTAGEM: FUTEBOL É COISA DE HOMEM – O IMPACTO DA
HOMOFOBIA NO ESPORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme
Gonçalves de Carvalho

GUARATINGUETÁ

2024



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos cinco dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e quatro realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante LUIZ HENRIQUE FIALHO CLARO DE CARVALHO, portador do Registro Uninter 3644748 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade monografia, sob o título “Livro reportagem: “O futebol é coisa de homem” – o impacto da homofobia no futebol” e orientação do/a professor/a Doutor Guilherme Carvalho, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Ms. Mauri König

Examinador/a 2: Ms. Emerson Micaliski

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10,0

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovado.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:  **GUILHERME GONCALVES DE CARVALHO**
Data: 09/12/2024 10:42:53-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinador/a 1:  **MAURI KONIG**
Data: 09/12/2024 11:41:09-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinador/a 2:  **EMERSON LIDMAR MICALISKI**
Data: 09/12/2024 14:27:26-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Estudante:  **LUIZ HENRIQUE FIALHO CLARO DE CARVALHO**
Data: 10/12/2024 08:48:10-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

RESUMO

Este trabalho apresenta o processo de pesquisa para a elaboração do livro-reportagem intitulado “Futebol É Coisa De Homem – O Impacto Da Homofobia No Esporte”, produto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de Jornalismo do Centro Universitário Internacional UNINTER. A partir do Jornalismo Literário, desenvolve-se o conceito de livro-reportagem e sua relevância como meio de disseminar temas relevantes para a sociedade. O objetivo é explorar a história e a contemporaneidade da luta contra a homofobia no futebol, apresentando casos históricos e iniciativas de combate ao preconceito, além de analisar documentos, registros e reportagens, realizar entrevistas com jogadores, ex-jogadores, treinadores, torcedores e especialistas e propor novas abordagens para promover o respeito no futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Livro-reportagem; Jornalismo; Futebol; Homofobia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A ESCRITA E O JORNALISMO.....	9
2.1 JORNALISMO LITERÁRIO	10
2.2 LIVRO-REPORTAGEM	12
3 JORNALISMO ESPORTIVO E O COMPROMISSO COM A DIVERSIDADE... 	15
3.1 HOMOSSEXUALIDADE E DIVERSIDADE DE GÊNERO	19
3.2 A HOMOFOBIA E O IMPACTO SOCIAL.....	21
4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	24
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	24
4.2 PRODUÇÃO.....	26
4.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	28
5 CONCLUSÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE	39

1 INTRODUÇÃO

O livro-reportagem é uma das principais expressões do Jornalismo Literário, responsável por documentar e realizar reportagens por meio de características literárias, que permitem ao autor uma pesquisa cuidadosa em campos que requerem maior profundidade jornalística, e promovem a oportunidade de desenvolver conhecimentos sobre temas relevantes da contemporaneidade. Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda o desenvolvimento de uma obra, que sob a ótica do Jornalismo Literário, traz temas socialmente relevantes inseridos em um contexto de interesse popular, que é o futebol.

Diante deste cenário, o livro-reportagem “Futebol É Coisa De Homem – O Impacto Da Homofobia No Esporte”¹ abordará diversas perspectivas e pesquisas sobre este tipo de discriminação, dando enfoque a casos e relatos pessoais de atletas e torcedores que convivem com essa realidade. A escolha do título reflete a uma metáfora das quatro linhas que delimitam o espaço do campo do futebol. Evidenciando a importância de se enfrentar os preconceitos enraizados no esporte mais popular do mundo.

A homossexualidade, assunto da obra, é uma abordagem mais recente no futebol, que começou a ser tratada com mais ênfase na última década. E das práticas nocivas que marcam maior presença nos estádios, manifestando-se nos cânticos ofensivos das torcidas em diferentes lugares do mundo; é isto que aponta a UOL, em matéria que clube brasileiro é punido por cantos homofóbicos em partida (CORINTHIANS [...], 2023), e também o GloboEsporte, que destaca uma punição semelhante por parte da Federação Inglesa à equipe do Luton Town, na Premier League (FEDERAÇÃO [...], 2023). Ainda que alguns progressos e iniciativas para combater a homofobia no esporte tenham sido feitos, o ambiente do futebol continua sendo considerado hostil para atletas e torcedores LGBTQ+. A aceitação plena e o combate ao preconceito aparenta necessitar de um esforço contínuo e de uma mudança cultural profunda dentro e fora dos campos, como destaca o ativista Onã Rudá para Confederação Brasileira de Futebol (2023).

¹ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1OFd-5r3H6kERekaGud4LHJB261Wiq-vD/view?usp=sharing>

Considerando estas informações, foi preciso avaliar os meios de comunicação disponíveis para transmitir estas questões relevantes e complexas. Qual a melhor maneira de captar o interesse do público em geral? Como organizar as informações obtidas de uma longa pesquisa sobre a homofobia no futebol?

Neste contexto, com base nos argumentos Lima (2004) e de Castro (2010), ficou evidente que o Jornalismo Literário é um gênero que oferece ao jornalista a oportunidade de construir histórias envolventes e ir além dos fatos. Por este motivo, a produção do livro-reportagem mostrou-se a melhor ferramenta para as etapas de pesquisa, pois oferece mais tempo para a realização de pesquisas aprofundadas, além de ser um formato que permite uma linguagem acessível e cativante ao público.

O livro-reportagem enriquecerá a narrativa com entrevistas de especialistas, atletas e torcedores, proporcionando visões complementares e diversas sobre a luta LGBTQIA+. Além disso, apresentará torcidas históricas como a Coligay do Grêmio, pioneira no país e a primeira torcida movimento LGBT, a LGBTricolor do Bahia, entrevistando também figuras importantes como o primeiro dirigente homossexual assumido do futebol brasileiro, Emerson Ferretti, também do Bahia. O livro explorará as dificuldades e preconceitos enfrentados no futebol, adicionando uma perspectiva mais pessoal e próxima ao assunto. Este será um capítulo robusto de entrevistas, coletando, sintetizando e conectando diversas visões sobre os fatos.

A obra foi estruturada em capítulos, que mantêm um formato sequencial aos relatos e ocorrência dos fatos. Inicialmente, o livro introduzirá o leitor ao mundo do futebol, contextualizando sua importância na sociedade e como ele reflete os problemas sociais existentes. À medida que o livro for avançando, trará elementos consistentes sobre a sexualidade dos atletas, e os desafios que enfrentam em suas carreiras, com entrevistas exclusivas com jogadores de equipes do interior de São Paulo e também nomes conhecidos do futebol nacional.

Vale destacar que, no mercado, existem algumas obras relevantes sobre discriminação no futebol, como “Bicha! Homofobia estrutural no futebol”, de João Abel, além também de outras obras que abordam demais pautas de discriminação presentes neste esporte, como “As mulheres no universo do futebol brasileiro”, de Cláudia Samuel Kessler, Leda Maria da Costa e Mariane da Silva Pisani e “O Racismo no Futebol Brasileiro”, de Igor Serrano, que abordam outros temas

específicos — machismo e racismo, respectivamente —, e não se relacionam ao Jornalismo Literário, pois trazem outras óticas, como a Antropologia e a Sociologia. O diferencial da obra “Futebol É Coisa De Homem – O Impacto Da Homofobia No Esporte” é seu caráter jornalístico, como citado anteriormente, cada capítulo narra diferentes etapas da realidade de atletas. Além disso, conta com a entrada de outras entrevistas paralelas, que proporcionam uma experiência única, buscando cativar e informar o leitor, com pesquisas e informações relevantes no cenário atual.

Em resumo, a proposta do livro-reportagem é de uma exploração social e informativa sobre a trajetória dessa minoria no futebol, contando com a presença marcante do jornalismo literário na compreensão de fenômenos sociais. O livro será uma jornada de luta, trazendo à luz a realidade de muitas pessoas. Sua maneira envolvente — conectada do início ao fim — mostrará ao leitor se há a existência de preconceito, seus danos e a forma em que a sociedade atual combate este problema.

Para sintetizar o processo de produção do livro-reportagem, este Trabalho foi organizado de forma a explicar, a partir do Jornalismo Literário, o conceito de livro-reportagem e sua relevância como meio de disseminar temas relevantes para a sociedade. O capítulo “A escrita e o jornalismo” introduz a relação entre o trabalho do jornalista e a escrita. Para melhor compreensão, ele foi subdividido: em “Jornalismo Literário”, o gênero foi conceituado e explicado com argumentos de grandes autores da área, como Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena; em “Livro-reportagem”, o produto é abordado em detalhes, destacando sua relevância para o público em geral.

O capítulo “Jornalismo esportivo e o compromisso com a diversidade” explica e conecta a escolha do tema “diversidade” com o futebol e, sobretudo, com o Jornalismo, detalhando as responsabilidades e implicações éticas do trabalho de um jornalista.

O quarto capítulo, “Proposta de Produto”, é subdividido em três: “Pré-produção”, “Produção” e “Pós-produção”. Das pesquisas iniciais às entrevistas realizadas, ele busca descrever o passo a passo da elaboração da obra “Futebol É Coisa De Homem – O Impacto Da Homofobia”.

2 A ESCRITA E O JORNALISMO

A escrita é uma das mais antigas e importantes formas de comunicação do mundo, desempenhando um papel crucial na sociedade ao transmitir e preservar conhecimentos, cultura e história para diferentes povos. Essa ferramenta permitiu a existência de religiões e crenças, contribuiu para áreas desde arte até medicina, e ajudou na formação e avanço da sociedade como a conhecemos. A escrita é uma forma única de expressão, seja coletiva ou individual, e é vista por muitos filósofos como o signo que caracteriza a literatura (MACHADO, 1999).

Há, provavelmente, uma terceira camada ou rede de signos que Barthes chama de escrita, signos pelos quais o ato de escrever se ritualiza fora do domínio da comunicação imediata. Escrever, sabe-se hoje, não é simplesmente utilizar as fórmulas de uma época combinadas com algumas fórmulas individuais; escrever não é combinar uma certa dose de talento, mediocridade e gênio; escrever implica sobretudo a utilização de signos que nada mais são do que signos da escrita (MACHADO, 1999, P. 164).

No jornalismo, a escrita é vista como indispensável, presente desde a antiguidade pelos gregos, com a prática de passar notícias de forma literária (era o que chamavam de epigramas ou editos). É por meio desta prática que jornalistas transformam fatos brutos em reportagens e notícias; o que se torna então um fato documentado (CASTRO, 2010). Autores como Traquina (2001) e Pena (2005) destacam a responsabilidade jornalística na escrita, enfatizando a importância dos métodos de apuração e da ética. Neste ponto, a clareza na escrita jornalística é fundamental, pois, assim como a fala, é por meio dela que o jornalismo se torna capaz de formar a opinião pública. O que Pena (2005) aponta ser uma revolução cognitiva, afirmando que a escrita impactou radicalmente na maneira de pensar.

Para Castro (2010), o Jornalismo se desenvolveu a partir da escrita, particularmente unido à literatura, e embora na antiguidade ainda não houvesse essa percepção, ali já era desenvolvido o que atualmente se chama de jornalismo.

Neste capítulo, será abordado o gênero que se relaciona diretamente com a literatura, o chamado Jornalismo Literário, explicando o surgimento deste termo, sua relevância no cenário da reportagem e o ponto de vista de importantes autores da área. Além disso, será abordado o livro-reportagem, principal formato jornalístico deste gênero.

2.1 JORNALISMO LITERÁRIO

Pena (2007) aponta que o jornalismo literário é o formato jornalístico responsável por combinar técnicas jornalísticas aos elementos da literatura, destoando das práticas do jornalismo convencional que, por sua vez, prioriza a objetividade e a concisão. Já Lima (2004) o compreende como uma profundidade na narrativa, o que oportuniza o jornalista a utilizar de descrições detalhadas e construir histórias envolventes para o leitor. Este formato vai além do fato, pois permite ao autor explorar também as emoções e as experiências de seus personagens, criando um texto que informa, mas também é capaz de despertar emoções ao público (CASTRO, 2010).

Isto ocorre pela influência direta da literatura, uma manifestação artística que utiliza da escrita para contar histórias, expressar ideias e emoções. Como compreende Dravet (2004), o gênero literário é a esperança da comunicação, e apenas através dela o homem consegue exercer sua singularidade, atravessando os tempos da humanidade.

No entanto, embora haja uma forte relação do gênero ao jornalismo, no contexto histórico, o termo “jornalismo literário” teve suas primeiras origens no movimento conhecido como Novo Jornalismo, que se iniciou nos Estados Unidos durante a década de 1960. Este movimento trouxe à tona essa perspectiva ao jornalismo, incorporando técnicas narrativas da literatura e a subjetividade na área. Como aponta Boas (1996), o *New Journalism* se aderiu às mudanças na forma de perceber, agir e pensar da sociedade, resultando em uma verdadeira revolução na produção de conteúdo jornalístico.

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como new journalism iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística (PENA, 2006, p. 56).

Para Pontes e Bezerra (2015), o Novo Jornalismo certamente quebra a formalidade imposta pelo jornalismo tradicional. Ele propõe um cenário mais

humanizado e uma visão mais holística na abordagem dos fatos, tendo em vista que as capturas deixam de ser somente dos fatos e começam a envolver também as emoções.

Lima (1995) aponta que o jornalismo literário surgiu junto com a reportagem, tem como objetivo a visão da realidade e, como função, disseminar conhecimentos à sociedade. Concepção a qual se permeia ainda nos preceitos básicos do jornalismo, o de informar, agindo equivalentemente à literatura não ficcional em geral, o que o autor chama de Literatura da Realidade.

Por outro lado, outros autores, como Castro (2010) se opõem parcialmente à denominação de Lima, tendo em vista que o Jornalismo Literário pode ir muito mais além do campo social; o autor exemplifica obras que polarizam as opiniões sobre jornalismo e literatura, como, por exemplo, a obra brasileira de Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1902), que embora seja um fato documentado, se estende a diálogos, descrições e à dramatização dos acontecimentos que, na teoria, se dispersaria dos conceitos jornalísticos.

Ao chamar de Literatura da Realidade ao Jornalismo Literário, Edvaldo Pereira Lima limita e exclui outras dimensões de realidade (que vão além da dimensão social) e que envolvem esse tipo de jornalismo. O próprio Pereira Lima, aliás, acredita que o JL supera em si a definição de Literatura da Realidade muito embora não explicita onde, por que e como ocorre tal superação (CASTRO, 2010, p. 23).

Para Bocchese (2011), por exemplo, o jornalismo literário deve manter a fidelidade à informação e aos fatos, mas tem a liberdade de dar uma atenção especial à narração, podendo realizar um envolvimento pessoal do narrador, com a trama e os personagens inseridos nele, o que contrasta completamente ao jornalismo em seus outros segmentos. Para o autor, esse envolvimento tem como finalidade cativar o leitor, permitindo uma maior empatia e conexão emocional com aquele conteúdo.

E embora o Jornalismo Literário seja um formato que permite ao jornalista desenvolver uma narrativa e realizar provocações, é necessário que exista ainda a responsabilidade e compreensão da ética jornalística e o compromisso com a verdade. Tendo em vista, por exemplo, que a liberdade deste formato ainda é delimitada pelo compromisso com os aspectos reais, que não devem desinformar ou de alguma forma ludibriar o leitor sob os aspectos reportados.

Ainda que o profissional reconstrua o que se desenrola de acordo com sua bagagem sociocultural, o leitor espera que o jornalista seja honesto o suficiente para relatar o que vê. Caso contrário, estaria lendo ficção ou um livro baseado em fatos reais (KRAMER, 1995 *apud* Martinez, 2009, p. 81).

Pena (2006), em sua obra chamada “Jornalismo Literário”, trata o Novo Jornalismo como o momento em que os jornalistas deixam de lado aquela objetividade e partem para subjetividade, deixando de ser “escravo do manual de redação”.

Por sua vez, Traquina (2001) destaca que o movimento foi responsável por questionar as formas sagradas das notícias e sacudir dogmas tradicionais que eram responsáveis por orientar a atividade jornalística.

Registro que é notável em conhecidos nomes do *New Journalism*, como, por exemplo, Norman Mailer, que ficou conhecido por agregar emoções e impressões aos seus textos (sendo um dos pioneiros), ao lado de Tom Wolfe e Gay Talese no fortalecimento das narrativas em suas reportagens.

Estas reportagens evoluíram para narrativas de longo formato, que seriam transformadas em importantes livros do movimento: os chamados livros-reportagem, uma ferramenta que permitiu aos jornalistas uma abordagem profunda e detalhada de seus temas.

2.2 LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem é mais do que apenas uma fusão de jornalismo e literatura. Segundo Lima (1995, p. 28-29), ele é o veículo de comunicação que “apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. O autor também afirma que o livro-reportagem é capaz de penetrar em campos tratados de forma superficial pelos veículos jornalísticos periódicos e de promover ao leitor conhecimentos da contemporaneidade (LIMA, 1995).

Em outras palavras, é uma forma de arte que permite aos jornalistas explorar tópicos em profundidade, oferecer a visão detalhada do gênero, indo muito além das manchetes diárias. Isto ocorre porque a necessidade de urgência jornalística no disparo de factuais é deixada de lado, e o jornalista possui o tempo necessário

para criar uma obra informativa, social e envolvente. Em grande maioria, jornalistas passam meses e até anos pesquisando, entrevistando, observando e documentando; podendo se concentrar em indivíduos ou comunidades, explorando suas experiências de terceiros ou próprias, incluindo emoções e perspectivas.

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima, que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se geralmente de uma figura olímpica. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão (LIMA, 1995, p. 45).

Deste modo, o livro-reportagem oferece aos jornalistas a oportunidade de experimentar com a linguagem e a estrutura narrativa. Com uma liberdade única para a utilização de técnicas literárias, como descrição vívida, diálogo e uma estrutura de enredo complexa. “Tudo para que sua mensagem seja fluente, capaz de captar e manter o interesse do leitor, do princípio ao fim” (LIMA, 1995, p. 43). Assim, trazem suas histórias à vida e envolvem os leitores em um nível emocional.

O interesse em livros-reportagem é inerente a uma sociedade que [...] deseja complexificar e se aprofundar no exame da realidade. E a recíproca é verdadeira: a “vida real” é a matéria-prima do jornalismo, e por isso jornalistas e escritores vão continuar produzindo literatura de não-ficção (LIVRO-REPORTAGEM [...], 2020).

No entanto, como explicado anteriormente sobre o Jornalismo Literário, apesar de sua liberdade criativa, os jornalistas que escrevem livros-reportagem ainda estão comprometidos com os princípios fundamentais do jornalismo. Eles devem se esforçar para serem precisos, justos e objetivos em sua cobertura, e devem sempre buscar relatar a verdade, considerando a ética e os valores de sua profissão.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas (PENA, 2006, p. 49).

Em suma, o livro-reportagem é um formato do gênero do jornalismo literário que permite unificar o melhor do jornalismo e da literatura. Ao combinar a busca incansável pela verdade do jornalismo com a beleza expressiva da literatura, resulta em uma forma única de leitura, com caráter informativo e social. Essa abordagem é capaz de atingir, conscientizar e emocionar o público. Além disso, oferece ao jornalista a oportunidade de desenvolver obras profundas, abordando aspectos sociais em diferentes segmentos e especializações do jornalismo, como economia, política e esportes.

3 JORNALISMO ESPORTIVO E O COMPROMISSO COM A DIVERSIDADE

No jornalismo, existem diversos segmentos que definem o nicho e o meio de abordagem, cada um com suas especificidades. Essas características são responsáveis por determinar a pauta, o interesse, o público e o assunto a ser abordado. Sob este ponto de vista, há inúmeras vertentes. No entanto, alguns fatores determinantes da profissão devem ser respeitados, independentemente da segmentação.

Como aponta o código de ética da Associação Brasileira de Imprensa (2013), é essencial divulgar todos os fatos de interesse público, lutar pela liberdade de pensamento e expressão e defender o livre exercício da profissão, assim como valorizá-la e dignificá-la.

Dessa forma, é compreensível que, embora existam diferentes segmentos e especializações, todos os jornalistas possuem as mesmas obrigações. Como Barbeiro e Rangel (2006, p. 13) apontam, o jornalismo será sempre jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico ou social. Isto não altera sua essência, pois sua natureza é única e está diretamente ligada às regras de ética e ao interesse público.

O jornalismo pode ser dividido em diferentes editorias, como política, economia, esportes e diversas outras. No entanto, neste capítulo, o enfoque será no jornalismo esportivo, que possui o dever de falar sobre futebol e outros esportes. O jornalista esportivo possui peculiaridades, e é de extrema importância um aprofundamento sobre o tema.

A prática do (bom) jornalismo esportivo é, antes de tudo, a prática do próprio jornalismo, de suas técnicas e de seus conceitos mais sagrados (e consagrados), como a objetividade e a imparcialidade. Fundamentalmente mesmo é gostar da atividade jornalística em si, gostar de buscar a informação, de escrever, ou de ambas as coisas. Sem isso ninguém sobrevive no jornalismo, não só no esportivo (UNZELTE, 2009, p. 7-9).

No contexto histórico, conforme Alcoba (2005), o primeiro jornal esportivo surgiu em Paris, ainda no ano de 1828, chamado “*Journals des Haras*”. Apenas duas décadas depois, em 1852, os ingleses criaram seu primeiro diário esportivo, o “*Sportman*”. Mas foi em 1895 que um grande marco para este segmento ocorreu, com o jornal “*The New York Journal*”. Ele acrescentou páginas esportivas em seus

impressos diários, o que conseqüentemente se tornaria uma espécie de regra, adotada pelas concorrentes, como inclusive o renomado “*New York Times*”, que vinte anos depois, pela primeira vez na história, estampava sua página com esporte.

No Brasil, em paralelo ao exterior, não há um consenso sobre a data exata em que o esporte começou a ganhar espaço na mídia. No entanto, conforme Coelho (2004), foi com o futebol que a imprensa brasileira começou a dar seus primeiros passos na especialização. O autor ainda defende que o esporte ganhou espaço definitivo em 1910, na época em que surgiam populares equipes de futebol no país, mais precisamente em um jornal italiano chamado “*Fanfulla*”, que foi o primeiro impresso no Brasil a trazer informações sobre jogos, dados estatísticos e ficha técnica de partidas. Este jornal começou a ganhar popularidade entre os italianos que povoavam a capital paulista. Foi responsável, inclusive, por influenciar a criação da instituição Palestra Itália, que após a Segunda Guerra Mundial, passou a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras.

Com o passar dos anos, o jornalismo esportivo não se tornou apenas mais uma coluna de tabloides, mas conquistou seu espaço nos mais importantes horários de televisão e nos jornais noticiosos mais relevantes da imprensa, deixando de ser visto pelo meio jornalístico como um segmento desinteressante e pouco valorizado e se tornando uma das áreas que mais atraem jovens jornalistas na atualidade.

Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. (...) Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias — ou nos campos, nos ginásios, nas quadras — valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? (...) A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado — isso se verifica também nas de hoje em dia — havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte (COELHO, 2004, p. 7-9).

Mesmo com o crescimento e a popularidade do segmento, o jornalismo esportivo ainda enfrenta preconceitos em comparação com outras linhas editoriais. Entretanto, é necessário destacar que um jornalista esportivo também possui seus deveres e obrigações, tais como a ética, o senso crítico e a responsabilidade, somados à imparcialidade na transmissão dos fatos. Além disso, a área exige uma

versatilidade dos profissionais, sendo necessário um conhecimento de diversas modalidades esportivas.

De acordo com Coelho (2004, p. 36-37):

Quem cobre basquete também faz vôlei, atletismo, boxe, etc. Mesmo que se dedique com mais afinco a um só esporte. Mas como ser especialista em basquete se é preciso também acompanhar atletismo? E como tornar-se expert em atletismo se só for possível fazer uma matéria sobre o assunto na proximidade de alguma grande competição? O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. (...) O que explica o aparecimento de atletas como comentaristas sempre que é preciso aprofundar-se em grande competição. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter de brigar muito mais por isso.

O jornalismo esportivo também possui uma característica atípica, em comparação à maioria dos outros segmentos jornalísticos, pois envolve a responsabilidade da isenção, mas também da emoção.

Esse tipo de cobertura sempre misturou emoção e realidade em proporções muitas vezes equivalentes. A conquista do título, a jogada brilhante, as histórias comoventes sempre fizeram parte do esporte. E sempre mereceram o tom épico que desapareceu das páginas de jornais e revistas e dos relatos de emissoras de rádio e televisão (COELHO, 2004, p. 23).

Sob este aspecto, é compreensível que o jornalista esportivo, além de necessitar de um conhecimento especializado sobre sua área e lidar com distintos pontos como estatísticas e paixões, não pode desconsiderar os aspectos primários do jornalismo, como a ética e os direitos humanos.

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Para Traquina (2001), o foco que ele chama de “novo jornalismo” deve o cuidado ao interesse do cidadão comum, dos grupos que lutam por Direitos Humanos e não somente dos interesses dos políticos e dos grupos detentores do poder econômico. Além disso, o autor aponta que é determinante que os jornalistas possam ouvir movimentos e se interessar pelos direitos humanos. Esse

compromisso social do jornalista pode ser entendido como um dever da profissão, e sob o ponto de vista crítico, quando se aborda transparência e verdade, é notável que o jornalismo já é fundamental para a sociedade.

O jornalismo, mesmo sem aprofundar-se, obviamente, nas discussões filosóficas, políticas e históricas que envolvem as questões dos direitos humanos, mesmo sendo, muitas vezes, superficial e retrógrado numa ou outra abordagem, traz à cena pública novos atores sociais, e uma nova maneira de olhar e reconhecer conflitos e incertezas que os envolvem, e as tentativas de mudar os padrões vigentes de desigualdade em que se acham. O jornalismo torna-se, assim, um espaço público fundamental para a democracia e para os direitos humanos (FERNANDES, 2002, p. 11).

Entre esses deveres, a compreensão e o respeito à diversidade tornaram-se cada vez mais necessários para essa função. Isso ocorre porque o respeito à diversidade é um fator determinante dos direitos humanos. Além disso, esse dever não se aplica apenas ao jornalismo, mas também é um compromisso do esporte. A democratização e o respeito ao artigo 2 do Diretório dos Direitos Humanos são essenciais nesse contexto.

A percepção da diversidade vai além do simples registro da variedade das aparências, porque o olhar, ao mesmo tempo em que percebe, atribui um valor e, claro, determinada orientação de conduta. É isto que às vezes leva um policial a pedir documentos a uma pessoa na rua, apenas pelo grau de valor social que se dá àquele tipo de aparência (SODRÉ, 2006, p. 8).

Esta linha de pensamento se reflete no futebol: por ser o esporte mais conhecido do mundo, que dá oportunidade para diferentes camadas sociais, etnias e culturas se enfrentarem, pode ser considerado o esporte mais democrático.

Os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor (RODRIGUES FILHO, 2010, p. 128).

Por outro lado, embora exista esta abrangência democrática, é compreensível que o esporte, sendo um meio social, traga consigo inúmeros

preconceitos da sociedade, entre eles culturas discriminatórias, como aponta Jesus (1999, p. 154): “[...] Somente em 1918 [que] a Federação Brasileira de Sports autorizou a inscrição de negros em clubes e entidades futebolísticas”. Considerando que o esporte caminha junto com a sociedade, ele também vive esse percurso da desconstrução.

O jornalismo, em geral, é um grande influenciador social. Por consequência, novas obrigações surgem para a profissão — o compromisso ético deve prevalecer sobre valores morais retrógrados, desconstruindo preconceitos.

Em parte, é (e sempre foi) responsabilidade do comunicador respeitar os direitos humanos e as diferenças, além de promover a inclusão (TRAQUINA, 2001). E essa responsabilidade deve ser compromisso de todo jornalista, independentemente de seu segmento ou área de atuação. Por exemplo, pode-se citar Mario Filho (1908-1966), que em formato literário desenvolveu, além do jornalismo esportivo, a função do jornalismo social em suas obras. Seu livro “O negro no Futebol Brasileiro” (1947) é uma obra que contribui até os dias atuais para a compreensão social. As contribuições sociais e esportivas de Filho foram tantas que resultaram em uma homenagem no nome do maior estádio do país, o Estádio Mario Filho, popularmente conhecido como Maracanã.

3.1 HOMOSSEXUALIDADE E DIVERSIDADE DE GÊNERO

A diversidade sexual e de gênero é uma realidade que atravessa diferentes dimensões da vida humana, envolvendo múltiplas identidades, orientações e expressões de gênero. A homossexualidade trata da atração sexual por indivíduos do mesmo sexo, e faz parte de um amplo panorama de vivências que incluem bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais, entre outras orientações. O termo LGBTQIAPN+ é uma sigla que busca abarcar essas diversas identidades e proporcionar uma representação mais inclusiva.

Segundo Louro (1997), a luta por reconhecimento e respeito aos direitos das pessoas LGBTQIAPN+ é um movimento histórico que ganhou força a partir do final do século XIX. Na Europa, houve um esforço dos movimentos sociais para combater leis que criminalizavam as relações entre pessoas do mesmo sexo.

Ao longo do século XX, dois processos paralelos impulsionaram a causa LGBTQIAPN+: a separação entre orientação sexual e identidade de gênero e a despatologização da homossexualidade. De acordo com G1 (2018), o marco da retirada da homossexualidade dos manuais de diagnósticos médicos foi um avanço significativo, visto que possibilitou a legitimação dessa orientação sexual como uma vivência humana e não uma doença.

A história do movimento LGBT é a história da apropriação e da disputa coletiva de sentido [...] O olhar retrospectivo mostra que essa trajetória tem trazido efeitos positivos para a vida dos sujeitos que visa beneficiar e que, apesar de todos os conflitos e desgastes no processo político cotidiano, debates importantes têm sido travados mesmo dentro do movimento. Nessa trajetória, passou-se de homossexuais, uma comunidade imaginada como separada e oprimida por uma sociedade descrita muitas vezes como mundo heterossexual, para um conjunto complexo de sujeitos políticos que procuram lidar com essa pluralidade e se afirmar como sujeitos de direitos (FACCHINI, 2012, p. 151).

No entanto, a diversidade sexual ainda enfrenta uma resistência significativa em diversos contextos culturais e sociais. A aceitação de identidades e orientações fora do padrão heteronormativo varia amplamente, sendo influenciada por fatores culturais, religiosos e políticos. Embora avanços legais tenham sido alcançados em várias partes do mundo, como o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo e a garantia de direitos à identidade de gênero, a realidade das pessoas LGBTQIAPN+ continua marcada por preconceitos, discriminação e exclusão social.

A diversidade sexual não é apenas uma questão de orientação, mas também de expressão de gênero. Travestis, transexuais e intersexuais, por exemplo, desafiam as normas tradicionais de gênero, enfrentando, além da discriminação homofóbica, uma transfobia persistente. O reconhecimento dessas identidades é fundamental para a construção de uma sociedade que respeite plenamente a diversidade e os direitos humanos.

Violações de direitos humanos que atingem pessoas por causa de sua identidade de gênero traduzem situações que um Estado fundado em bases democráticas não pode tolerar nem admitir. O direito à autodeterminação do próprio gênero, enquanto expressão do princípio do livre desenvolvimento da personalidade, qualifica-se como poder fundamental da pessoa transgênero, impregnado de natureza constitucional, e traduz, iniludivelmente, em sua expressão concreta, um

essencial direito humano cuja realidade deve ser reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal (MELLO *apud* ROVER, 2018).

É nesse contexto que a interseccionalidade se torna uma ferramenta crucial para a análise da diversidade. Embora Collins e Bilge (2021) destacam que é mais importante compreender o que a interseccionalidade faz, e não o que ela é, as autoras explicam que existem diferentes respostas sobre isso; no entanto, a maioria aceitaria a seguinte definição:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS; BILGE, 2021, p. 2).

Essa ferramenta traz consigo suma importância para pessoas LGBTQIAPN+ que pertencem a grupos historicamente marginalizados, como negros, indígenas, mulheres e pessoas de baixa renda, que vivenciam discriminações sobrepostas.

Dessa forma, não apenas sua orientação sexual ou identidade de gênero são fatores de exclusão, mas também sua raça, classe social ou gênero. A interseccionalidade oferece uma lente para entender como essas múltiplas identidades interagem, resultando em formas de opressão mais complexas e persistentes.

3.2 A HOMOFOBIA E O IMPACTO SOCIAL

A homofobia é um fenômeno social profundo, que vai além do simples medo ou rejeição de homossexuais. Ela é uma manifestação de uma estrutura de poder enraizada no sexismo e no heterossexismo, que posiciona a heterossexualidade como norma dominante e inferioriza qualquer forma de diversidade sexual. Como Borrillo (2009) argumenta, a homofobia não é apenas uma aversão pessoal aos homossexuais, mas também uma hostilidade generalizada contra aqueles que desviam dos papéis sociais e de gênero historicamente estabelecidos.

Nesse sentido, afeta não apenas gays e lésbicas, mas também bissexuais, travestis, transexuais e qualquer pessoa que não se enquadre na rígida norma heterossexual. Essa aversão pode se manifestar de diversas formas, desde comentários e piadas preconceituosas até atos de violência física. O conceito foi ampliado para incluir termos como "lésbofobia", "bifobia" e "transfobia", que especificam as diferentes formas de intolerância enfrentadas por esses grupos (DIAS, 2014, p. 1).

De acordo com Junqueira (2007), a homofobia deve ser entendida como uma barreira aos direitos de cidadania, pois restringe o acesso igualitário à educação, saúde, trabalho e segurança. Ela impede que pessoas LGBTQ+ gozem dos mesmos direitos e liberdades que os indivíduos heterossexuais, criando um ambiente de exclusão social e violência. Nesse sentido, o combate à homofobia deve ser multidimensional, envolvendo políticas culturais, educacionais, políticas públicas e a criminalização de atos homofóbicos, a fim de garantir a inclusão plena dessas populações na sociedade.

O termo "homofobia" foi cunhado em 1971 pelo psicólogo Kenneth Smith, que o utilizou para descrever uma personalidade homofóbica. Mais tarde, o conceito foi ampliado por George Weinberg, que definiu homofobia como o medo irracional de estar com homossexuais e, em alguns casos, o ódio que homossexuais podem sentir de si mesmos devido à internalização do preconceito (WEINBERG *apud* BORRILLO, 2010, p. 21). Essa definição aponta para as dimensões pessoais e sociais da homofobia: por um lado, há a rejeição afetiva dos homossexuais, e por outro, a homossexualidade é vista como uma ameaça à ordem social e moral estabelecida (BORRILLO, 2010, p. 22).

No plano cultural, a homofobia é reforçada pelo heterossexismo, que é a crença na superioridade da heterossexualidade e na subordinação das demais orientações sexuais. Welzer-Lang (2001) argumenta que o heterossexismo não apenas discrimina pessoas LGBTQ+, mas também promove a opressão ao retratar a heterossexualidade como norma universal e "natural", enquanto qualquer forma de diversidade sexual é vista como desviada e inferior (WELZER-LANG, 2001, p. 467-468).

A homofobia também possui um impacto social profundo, não apenas sobre as pessoas diretamente afetadas, mas também sobre a sociedade como um todo. Ela perpetua a desigualdade e a exclusão, impedindo o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva. Além disso, a homofobia contribui para o sofrimento psíquico de indivíduos LGBTQ+, levando a maiores taxas de depressão,

ansiedade e até suicídio. O ambiente hostil e a violência homofóbica nas escolas, nos locais de trabalho e nos espaços públicos são exemplos de como essa discriminação afeta diretamente a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo.

O combate à homofobia deve, portanto, ser um esforço coletivo, que envolva não apenas a criminalização de atos homofóbicos, mas também a promoção de uma cultura de respeito à diversidade. Isso exige mudanças profundas nas instituições sociais, nas políticas públicas e nos valores culturais, visando desconstruir o heterossexismo e criar espaços seguros para todas as orientações sexuais e identidades de gênero.

A interseccionalidade, mais uma vez, aparece como uma ferramenta indispensável para entender como a homofobia interage com outras formas de opressão. Indivíduos LGBTQ+ que pertencem a grupos marginalizados por questões de raça, gênero ou classe social enfrentam formas de discriminação ainda mais severas. A homofobia, nesses casos, é amplificada pelo racismo, machismo ou pobreza, criando barreiras adicionais para que essas pessoas possam exercer seus direitos de forma plena.

Dessa forma, o combate à homofobia não pode ser tratado de forma isolada, mas deve ser articulado com lutas mais amplas por igualdade de gênero, justiça social e combate ao racismo. Somente a partir de uma abordagem interseccional será possível alcançar uma verdadeira transformação social que reconheça e respeite a diversidade sexual e de gênero em todas as suas formas.

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Neste capítulo, será abordada a proposta do produto, apresentando o processo de desenvolvimento de forma detalhada. Inicialmente, em “Pré-produção”, serão apresentados os objetivos, as referências e os métodos que guiaram a criação do projeto e o formato escolhido. A seguir, será descrita a etapa de produção da obra, e por fim, “Pós-produção” descreverá detalhes da obra já concluída.

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é um livro-reportagem intitulado “Futebol É Coisa De Homem – O Impacto Da Homofobia No Esporte”, que busca retratar a batalha contínua de atletas e jogadores homossexuais pela igualdade neste esporte, abordando questões sociais e diferentes perspectivas no mesmo meio. A obra foi estruturada em oito capítulos, sendo quatro deles focados principalmente em narrar a história dos entrevistados.

O desenvolvimento da obra se deu a partir das experiências de atletas, dirigentes e torcedores que enfrentam essas dificuldades. Suas características foram sustentadas por uma extensa pesquisa bibliográfica, envolvendo livros, notícias, reportagens e artigos sobre os temas abordados. O grande diferencial deste trabalho se deu pelo inédito conglomerado de diferentes perspectivas que, paralelamente, mostram como buscam e compreendem a igualdade e seus direitos no futebol.

A escolha do livro-reportagem como formato se deve ao espaço que ele permite para uma exploração aprofundada do tema. Conforme Trindade e Inácio (2017) destacam, ele é um campo que se aprofunda nos fatos e é capaz de narrar histórias.

O livro-reportagem atinge, desse modo, um território que mergulha no fato e conta uma história. É daí que emana a sedução e emoção desta obra jornalística, e, ao mesmo tempo, literária. Ampliam-se, não só as páginas escritas, mas também, o contato entre a reportagem, o que não se pode fazer um jornalismo literário, sob a égide da velha discussão, do que é jornalismo e o que é literatura. Não existem barreiras, mas sim, uma apropriação técnica entre ambas (OLIVEIRA, 2006, p. 5).

Na fase de pré-produção, o primeiro passo foi realizar uma pesquisa bibliográfica utilizando livros que retratam diferentes formas de discriminação futebol, incluindo obras notáveis como “O Negro no Futebol Brasileiro” do jornalista Mario Rodrigues Filho (2010). Após essas referências, surgiu a necessidade de um levantamento detalhado, observando diferentes notícias e aprofundando pesquisas sobre o tema central da obra, a homofobia, conforme Pena (2005), que define como procedimento padrão em grandes reportagens, complementando ou contestando os dados das fontes primárias.

Considerando o aspecto jornalístico do produto, foram utilizadas diversas práticas, como desenvolvimento de pautas, seleção de entrevistados e fontes de confirmação, além de entrevistas para colher depoimentos. Nesta etapa, foram incluídos nomes e episódios como atletas e dirigentes que sofreram discriminação, como, por exemplo, Emerson Ferretti, atual presidente do Esporte Clube Bahia; sociólogos para discutir o fenômeno, como o psicólogo clínico e sociólogo Marcelo Limão, especialista em Diversidade Sexual, e o sociólogo do esporte Nicolas Cabrera, do Observatório Social do Esporte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Leme; além de ativistas de destaque nacional, como Onã Rudá, fundador da Torcida LGBTricolor do Bahia e do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQs.

Esse processo foi fundamental na fase de pré-produção, pois, conforme Lage (2001), é quando a obra começa a se delinear, levando-a para o processo de entrevistas, que o autor explica ser “uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. (LAGE, 2001, p. 32). As entrevistas foram realizadas de dois modos: online e presencial, garantindo flexibilidade aos entrevistados na coleta de informações. No formato online, foram utilizadas plataformas de videoconferência, como Zoom e Google Meet. Já no formato presencial, as entrevistas foram realizadas apenas com entrevistados que se encontram na região do Vale do Paraíba, em centros de treinamentos de equipes, como nas cidades de Guaratinguetá, São José dos Campos e Taubaté.

Ainda na fase de planejamento, foi necessário um acompanhamento pessoal para uma melhor compreensão da realidade, como visitas a Centros de Treinamento de diferentes clubes e sede de torcidas uniformizadas a fim de entender de perto a realidade de discriminações do futebol. Pena (2005) conceitua

isso como “Observação Direta”, onde o pesquisador se debruça sobre o objeto sem intermediários, permitindo ao jornalista presenciar os fatos para a produção da reportagem.

No decorrer do processo de seleção de entrevistados, foi necessário aplicar outras técnicas jornalísticas, como a verificação e validação das fontes. Para garantir a credibilidade das informações, tornou-se essencial realizar uma hierarquização delas, o que possibilitou compreender quais eram de maior importância para esta pauta e quais não direcionariam necessariamente a obra. Como aponta Schmitz (2011, p. 23): “Por isso, hierarquizar as fontes é essencial na atividade jornalística, pois a notícia polifônica converge da diversidade de opiniões, relatos, testemunhos e mídias”.

Técnicas também listadas por Pena (2005), como a coleta e o levantamento, auxiliaram para que a obra fosse mais do que apenas números, indo além de simples relatos e pontos estatísticos. Dessa forma, alcançou-se também um ponto de vista especializado e de vivência sobre a pauta.

Outro norte para o conhecimento desta pauta foi a análise de mais de duas dezenas de notícias dos últimos cinco anos, que destacam e salientam o preconceito e a discriminação no futebol. Essa análise incluiu os principais jornais esportivos do país, como os portais GloboEsporte, ESPN, Uol e CNN.

4.2 PRODUÇÃO

O livro-reportagem “Futebol é Coisa de Homem: O Impacto da Homofobia no Esporte” apresenta relatos reais de atletas e torcedores que enfrentam dilemas relacionados à sexualidade no contexto do futebol. A obra reúne vozes de atletas, tanto aposentados quanto em atividade, além de jornalistas, psicólogos, ativistas e torcedores, proporcionando uma visão abrangente sobre a homofobia sob diferentes perspectivas: a de especialistas, daqueles que vivenciam essa realidade e a percepção popular.

A produção do livro teve início com um planejamento estratégico, com o objetivo de identificar e organizar fontes necessárias para complementar e enriquecer a obra. Para tanto, foram realizadas pesquisas sobre atletas que sofreram homofobia, o posicionamento de clubes em relação ao tema e a

percepção dos torcedores nas redes sociais. Nesse contexto, empreenderam-se pesquisas documentais para compreender a história do preconceito no futebol, além de uma análise de noticiários dos últimos vinte anos.

A metodologia de pesquisa adotada foi estruturada de modo a garantir uma abordagem abrangente e inclusiva, refletindo a complexidade do tema da homofobia no contexto esportivo. As principais etapas dessa metodologia são detalhadas a seguir.

O primeiro passo consistiu na definição do problema central da pesquisa, que visava investigar a homofobia no futebol, suas manifestações e impactos na vida de atletas e torcedores. Este foco permitiu direcionar a busca por informações e relatos relevantes.

Com a confirmação de que o livro-reportagem abordaria a narrativa de atletas e torcedores que enfrentam essa realidade no esporte, iniciou-se a busca por fontes pertinentes. O principal desafio do projeto foi encontrar atletas em atividade que se identificassem como homossexuais. A descoberta de uma fonte deu-se por meio de contatos que indicaram um jogador do interior de São Paulo. Embora este atleta não se assuma publicamente, aceitou conversar sob sigilo, sendo denominado Léo na obra.

Além de Léo, realizou-se contato com Emerson Ferretti, presidente do Bahia e ex-goleiro, que se mostrou disposto a contribuir. A entrevista ocorreu online, pela plataforma Zoom, e durou aproximadamente uma hora, durante a qual o dirigente compartilhou sua trajetória e os dilemas relacionados à sexualidade.

Após definir as personagens centrais, contatou-se Onã Rudá, ativista e criador da LGBTTricolor, que compartilhou a história do movimento e a primeira torcida LGBTQIA+ do Brasil. Além disso, foram entrevistados jornalistas e sociólogos que contribuíram com a obra, e incluiu-se a opinião de anônimos que desejaram compartilhar suas experiências no futebol.

Para apresentar um contraponto, foi necessário conversar com um integrante de uma torcida organizada de um clube paulista, que optou por manter anonimato. Durante essa etapa, todas as entrevistas foram transcritas e arquivadas, preparando o terreno para a redação do texto.

Durante o período de apuração e busca por fontes, embora a prioridade fosse encontrar atletas homossexuais ou bissexuais, encontrou-se dificuldade em

conseguir atletas heterossexuais que se dispusessem a falar sobre o tema. Muitos demonstraram não ver relevância na pauta ou recusaram associar-se a uma obra sobre o tema, temendo possíveis consequências no meio esportivo. Essa dificuldade reforça a importância de desenvolver uma obra que dê visibilidade à questão.

Com o avanço das entrevistas, notou-se a importância de consultar um psicólogo clínico. Para tanto, buscou-se um profissional especializado, sendo selecionado Marcelo Limão, especialista em Diversidade Sexual, de Gênero e Saúde Mental do Trabalho, que também possui formação em sociologia, com o qual foram realizadas entrevistas adicionais.

Após as entrevistas com os atletas e Marcelo Limão, deu-se início a uma nova etapa, que buscou investigar a relação da imprensa esportiva com a pauta em estudo. Nesta fase, estabeleceu-se contato com Mauro Beting, autor, jornalista e comentarista esportivo, por meio das redes sociais, inicialmente pelo Instagram, onde foi realizada uma entrevista complementar via WhatsApp e com João Abel, autor e repórter, que em entrevista, via Zoom, compartilhou sobre a homofobia estrutural e seu impacto neste esporte.

As principais ferramentas de contato com as fontes foram redes sociais, como WhatsApp, LinkedIn e Instagram, que facilitaram a comunicação com os entrevistados.

A redação da obra foi feita também com foco nos aspectos emocionais dos entrevistados, buscando não apenas retratar uma realidade, mas também expressar os sentimentos vivenciados por eles. A narrativa foi estruturada de forma linear, com inserções de subcapítulos que oferecem informações adicionais e contextualizam o leitor em relação ao tema abordado.

4.3 PÓS-PRODUÇÃO

A escolha do título, “Futebol é coisa de homem”, surgiu devido aos relatos dos entrevistados, que, em algum momento de suas carreiras, ouviram frases desse tipo. A afirmação de que o futebol é para homens e associado à virilidade apenas exclui aqueles que não seguem os padrões impostos pela sociedade. O

subtítulo foi escolhido de forma a esclarecer que o livro-reportagem traz elementos sobre o combate à homofobia, e não a favor dela.

Esta obra inicia com uma introdução que apresenta uma visão panorâmica do futebol, destacando sua natureza passional e os reflexos da sociedade, incluindo problemas como violência e discriminação. O capítulo introdutório aborda proibições racistas e misóginas que afetam o esporte.

O primeiro capítulo, “Homofobia nas Quatro Linhas: A mídia e o futebol”, examina a homofobia no futebol global, citando exemplos como o Luton Town e a polêmica comemoração de Jamie Vardy em 2020. O jornalista Mauro Beting compartilha sua perspectiva sobre o contexto histórico da homofobia no futebol, destacando como a imprensa esteve inserida nesse cenário e relembra apelidos pejorativos para clubes, além do tabu do uso da camisa 24.

O segundo capítulo, “O Preconceito Enraizado”, analisa um episódio de homofobia em um clássico entre Corinthians e São Paulo, destacando que não é um caso isolado. A base cognitiva do preconceito e seu impacto na sociedade são explicadas pelo psicólogo Marcelo Limão. João Abel, autor do livro “Bicha! Homofobia Estrutural no Futebol” comenta sobre a homofobia no futebol e as abordagens presentes em seu livro.

O terceiro capítulo, “Por que ser ‘marica’ era sinônimo de inferioridade?”, introduz Léo, um atleta homossexual em atividade, que joga em uma equipe do interior paulista. A obra também destaca a repercussão que ocorre quando um jogador se assume publicamente e apresenta Emerson Ferretti, ex-atleta e atual presidente do Esporte Clube Bahia.

O quarto capítulo, “Origens”, traça paralelos entre as histórias de Emerson e Léo, destacando o preconceito como um adversário comum. O quinto capítulo, “A Barreira em Comum”, confirma o impacto do preconceito na vida desses atletas. Marcelo Limão discute o impacto psicológico do preconceito em minorias.

O sexto capítulo, “Essa é a Voz do Povo?”, examina a torcida e seu impacto no preconceito, incluindo uma entrevista com um membro da torcida organizada de um grande clube paulista. O capítulo também aborda a Coligay, a primeira torcida organizada abertamente gay do mundo.

O sétimo capítulo, “Para Além das Quatro Linhas”, analisa como o preconceito afasta torcedores e simpatizantes do futebol.

Por fim, o último capítulo, “Uma Luz sobre o Futebol”, apresenta ações para tornar o futebol mais acolhedor e diverso, incluindo depoimentos de Onã Rudá e Emerson Ferretti. A obra encerra com considerações finais do autor e uma mensagem final de Emerson Ferretti.

No que diz respeito ao aspecto gráfico, a capa foi desenvolvida no software Photoshop, em conjunto com uma designer, Carla Souza, que auxiliou em todo processo não textual da obra, utilizando técnicas de composição de imagem, ilustração e retoque digital, e finalizada em PDF para impressão no software InDesign.

O conceito da capa foi desenvolvido pelo autor, onde o foco é dado em um personagem: um goleiro, capitão de seu time e homossexual, que observa o gramado de um estádio lotado. Toda a cena está em preto e branco, e apenas o arco-íris aparece colorido na capa, simbolizando que a vida ganha cor quando somos livres para ser quem realmente somos. Essa escolha representa o sentimento de alguém que, para ser aceito em sua profissão, sente a necessidade de se esconder atrás de um personagem. A mensagem central é que todos têm o direito de ser livres, onde quer que estejam, ou pelos menos deveriam ter esse direito, tema que será refletido ao longo da obra.

Para o título, foi escolhida a tipografia Bebas Bold, com um contorno de 2 pontos para torná-lo mais robusto. Foi aplicada uma técnica de múltiplas camadas de sombra com *overlay*, cada uma em uma cor diferente, remetendo novamente ao arco-íris. E para dar mais harmonia à composição, foi aplicado um efeito de granulado em toda a capa (conforme Apêndice).

Na diagramação do livro foram inseridas pequenas ilustrações a cada capítulo; os desenhos foram realizados a partir de técnicas de *fineline*, também desenvolvidos pela designer Carla Souza.

O plano de divulgação para o lançamento da obra seria realizado através das redes sociais, especialmente por meio de um perfil no Instagram. O engajamento nas redes sociais contaria com o apoio dos entrevistados, que compartilhariam a obra em seus *stories* após receberem, em primeira mão, a versão física do livro. Dessa forma, a obra alcançaria um público mais amplo e diversificado.

A obra está disponível no formato e-book: o livro digital (A4, 82 páginas). Para o início do próximo semestre, há planos de se distribuir a obra em mídia física, seguindo o formato impresso (A5, 180 páginas, papel sulfite 75g, com tamanho 140x210mm, sem enobrecimento, e acabamento em lombada quadrada com capa colorida). O orçamento para 100 unidades é R\$ 3.434,99 (R\$ 34,45 por unidade), ou R\$ 67,99 por unidade em produção individual.

O lançamento está previsto para ocorrer no primeiro semestre de 2025, com vendas disponibilizadas em um site oficial do autor², desenvolvido na plataforma Wix. Nesse site, haverá uma breve apresentação da obra e do autor, além de informações detalhadas sobre o conteúdo e outros elementos relevantes da publicação.

² Disponível em: <https://quiztess.wixsite.com/homofobia-e-futebol>.

5 CONCLUSÕES FINAIS

Ao realizar a obra, tornou-se possível compreender as raízes e os desdobramentos da homofobia dentro do futebol, evidenciando como essa forma de preconceito transcende o campo da personalidade e se posiciona como um fenômeno estrutural na sociedade. A homofobia, conforme exposto na obra, está profundamente atrelada ao sexismo e ao heterossexismo tão presentes no mundo. Quando se afunila ao esporte, e em especial no futebol, essa dinâmica se torna ainda mais evidente, dado que o ambiente é historicamente marcado pela valorização de uma masculinidade rígida e excludente.

A proposta do livro-reportagem “Futebol É Coisa De Homem – O Impacto da Homofobia no Esporte” busca explorar essa perspectiva, reunindo narrativas reais de atletas, torcedores, dirigentes e especialistas, tanto em assuntos como sexualidade quanto futebol. O formato e a escolha do gênero permitiram uma coletânea de relatos sobre o tema, além da construção de uma narrativa rica em detalhes, histórias pessoais e análises críticas.

Durante o processo de pesquisa e produção do livro-reportagem, foi evidente a capacidade do jornalismo de dar voz às experiências e histórias de pessoas que muitas vezes não são ouvidas na sociedade. Por meio de entrevistas e análises críticas, tornou-se possível compreender que a homofobia no futebol é um problema estrutural, conectado diretamente ao sexismo e uma cultura predominante na sociedade. Essa experiência também demonstrou como um jornalista pode expor essas questões de forma profunda e impactante, utilizando de ferramentas do jornalismo literário.

No entanto, o processo não foi isento de desafios. Uma das principais dificuldades enfrentadas foi encontrar entrevistados dispostos a compartilhar suas experiências pessoais, frequentemente dolorosas, sobre preconceito e discriminação. Além disso, houve o desafio de lidar com a complexidade de abordar temas sensíveis de maneira ética e precisa, respeitando as histórias e diferenças dos entrevistados e garantindo que suas narrativas fossem tratadas com empatia, respeito e responsabilidade.

Em resumo, tornou-se evidente que o combate à homofobia no futebol exige mais do que a simples criminalização de atos homofóbicos. É necessária uma

mudança cultural ampla, que promova o respeito à diversidade e a desconstrução de valores fora das quatro linhas, no âmbito social, para que o futebol também se torne um ambiente melhor. A criação de políticas públicas, aliadas a iniciativas culturais e educacionais, pode ajudar a criar um ambiente esportivo mais inclusivo e seguro para todos.

Sob a ótica jornalística, conclui-se que este trabalho tornou possível visibilizar a presença da homofobia no futebol e que ela reflete as desigualdades sociais mais amplas. Há uma necessidade de que o esporte se torne um ambiente mais acolhedor para todos. Somente por meio de esforços coletivos, comprometidos e trazendo luz a esse problema existente, será possível reduzir o impacto social da homofobia no esporte e garantir que todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, possam ter a experiência de vivenciar esse esporte, seja como atleta, torcedor ou em qualquer outra função associada ao futebol.

REFERÊNCIAS

ABEL, João. **Bicha!:** Homofobia estrutural no futebol. Natal: Primeiro Lugar, 2020.

AGÊNCIA SENADO. Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização. **Agência Senado**, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pediu-legalizacao>. Acesso em: 13 jul. 2024.

ALCOBA, Antonio. **Periodismo Deportivo**. Madrid: Editorial Síntesis, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2013. O Congresso Nacional dos Jornalistas Profissionais aprova o presente CÓDIGO DE ÉTICA [...]. Disponível em: <https://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>. Acesso em: 25 de jun.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & Informação Esportiva:** jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005.

BOCCATO, Daniel; TORRES, Yasmin. 'Nós temos esse direito e ponto': qual a realidade das torcidas LGBTQ+ no futebol brasileiro?. **ESPN**, 2023. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/12227514/qual-realidade-torcidas-lgbtq+-futebol-brasileiro. Acesso em: 12 jul. 2024.

BOCCHESI, Marcell. **A crônica como gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura:** uma demonstração através de Quando Cai a Neve no Brasil, de Paulo Ribeiro. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Caxias do Sul, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/603>. Acesso em: 26 jun. 2024.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941.** Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 13 jul. 2024.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **ADI 4275 / DF: Ação Direta de Inconstitucionalidade**. Relator: Ministro Marco Aurélio. Redator do acórdão: Ministro Edson Fachin. Brasil: Tribunal Pleno, 2018. Disponível em: <https://jurisprudencia.stf.jus.br/pages/search/sjur399205/false>. Acesso em: 18 out. 2024.

BRAZICA – Bicha! A Homofobia no Futebol Brasileiro [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (28 min). Publicado pelo canal VICE Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sRiLuDKj_vw. Acesso em: 26 out. 2024.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário**: Uma Introdução. [S. l.: s. n.], 2010.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

COLETIVO NACIONAL DE TORCIDAS LGBTQ CANARINHOS ARCO-ÍRIS. LGBTQIAP+ no futebol, como incluir? [S.l.], 2021. Cartilha. Disponível em: <https://canarinhoslgbtq.com.br/wp-content/uploads/2023/05/Cartilha.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Relatório revela 74 casos de LGBTfobia ligados ao futebol brasileiro em 2022. **Confederação Brasileira de Futebol**, 17 maio 2023. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/relatorio-revela-74-casos-de-lgbtfobia-ligados-ao-futebol-brasileiro-e>. Acesso em: 12 maio 2024.

CORINTHIANS é punido por cantos homofóbicos de sua torcida em jogo contra o São Paulo. **Uol**, 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/afp/2023/06/14/corinthians-e-punido-por-cantos-homofobicos-de-sua-torcida-em-jogo-contr-o-sao-paulo.htm>. Acesso em: 12 jul. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: **VV.AA. Cruzamento**: Raça e Gênero. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 17 out. 2024.

DIAS, Maria Berenice. **Homoafetividade e os Direitos LGBTI**. 6. ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2014.

DRAVET, Florence. **Sob o Céu da Cultura**. Brasília: Thesaurus: Casa das Musas, 2004.

FACCHINI NETO, Eugênio. O poder judiciário e sua independência – uma abordagem de direito comparado. In: **Direitos Fundamentais & Justiça**, ano 3, n. 8, p. 121-149, jul./set. 2009.

FEDERAÇÃO Inglesa multa Luton Town por cantos homofóbicos de torcida. **GloboEsporte**, 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2023/11/23/federacao-inglesa-multa-luton-town-por-cantos-homofobicos-de-torcida.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2024.

FERNANDES, Adélia Barroso. Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002. Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, p. 1-12. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/153525028078401893023837407457382637395.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.

G1. Retirar a transexualidade da lista de transtornos mentais deve aumentar aceitação social, diz coordenadora da OMS. *Bem Estar*, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/retirar-a-transexualidade-da-lista-de-transtornos-mentais-deve-aumentar-aceitacao-social-diz-coordenadora-da-oms.ghtml>. Acesso em: 8 out. 2024.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da canela preta: O negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**, [S. l.], v. 7, n. 11, p. 144-161, jul. 1999. Disponível em: <https://www.doi.org/10.22456/1983-201X.6546>. Acesso em: 12 maio. 2024.

JUNQUEIRA, Rogério. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**: estudos gays – gêneros e sexualidades, v. 1, n. 1, Natal, jul-dez 2007, p.145-65.

KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da. PISANI, Mariane da Silva (Orgs.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2022.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp, 1995.

LIVRO-REPORTAGEM: O Fato Revelado através da Literatura. **Companhia Editora de Pernambuco - CEPE**, 2020. Disponível em: <https://www.cepe.com.br/noticias/livro-reportagem--o-fato-revelado-atraves-da-literatura>. Acesso em: 15 abr. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. [S. l.]: Zahar, 1999. p. 164.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 6, n.1, p. 71-83, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p71>. Acesso em: 26 jun. 2024.

MEYER, ILAN H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological*

bulletin, v. 129, n. 5, p. 674-697, 2003. Disponível em:
<https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>. Acesso em: 20 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em:
<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 18 de jun.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **International classification of diseases**. Disponível em: <http://www.who.int/health-topics/international-classification-of-diseases>. Acesso em: 8 out. 2024.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **Contracampo, Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF)**, Niterói, n. 17, p. 43-58, 2007. Disponível em:
<https://doi.org/10.22409/contracampo.v2i17.349>. Acesso em: 26 jun. 2024

PONTES, Diogo de Mendonça; BEZERRA, Ada Guedes. A notícia pode ser você: do New Journalism ao Sensacionalismo. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, 17., 2015, Natal. **Anais [...]**. Natal: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, p. 1-13. Disponível em:
<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1462-1.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RONALD, Issy; JARNE, Antonio; SHVEDA, Krystina. Disparidade salarial entre homens e mulheres é real destaque da Copa do Mundo Feminina. **CNN Brasil**, 23 jul. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/disparidade-salarial-entre-homens-e-mulheres-e-real-destaque-da-copa-do-mundo-feminina/>. Acesso em: 11 maio 2024.

ROVER, Tadeu. Identidade de gênero é essencial para a dignidade, diz ministro Celso de Mello. *Consultor Jurídico*, 2 mar. 2018. Disponível em:
<https://www.conjur.com.br/2018-mar-02/identidade-genero-essencial-dignidade-celso-mello/>. Acesso em: 18 out. 2024.

SERRANO, Igor. **O Racismo no Futebol Brasileiro**. São Paulo: Cartola, 2023.

SODRÉ, Muniz. Diversidade e Diferença. **Revista Científica de Información y Comunicación**, Sevilla, n. 3, p. 1-12, 2006. Disponível em:
<https://institucional.us.es/revistas/comunicacion/3/art1.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.

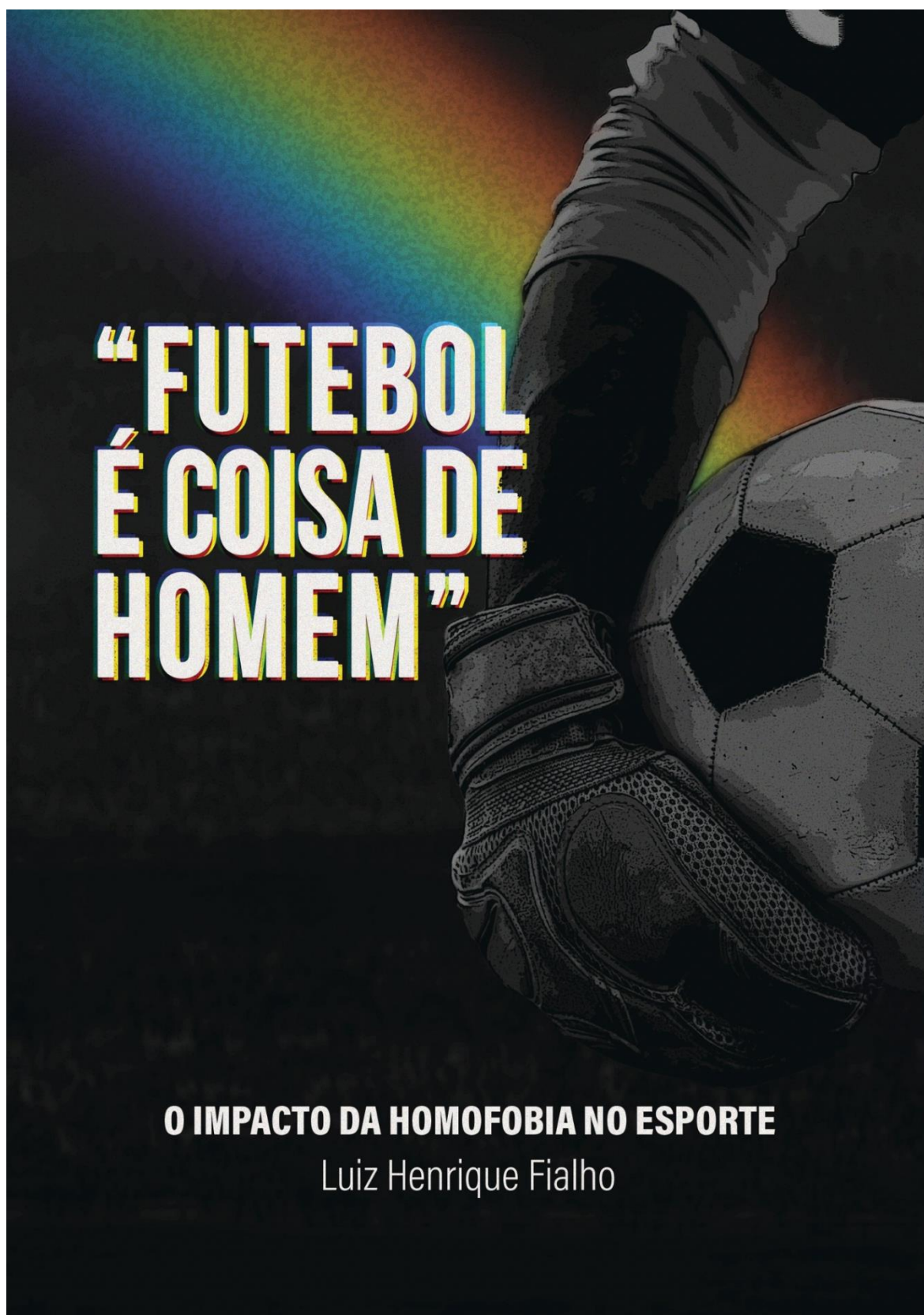
TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2001.

TRINDADE, Alice; INÁCIO, Rita. Jornalismo literário, direitos humanos e integração: um caso português. **Cuadernos info**, Santiago, Chile, v. 40, p. 235-249, 2017. Disponível em: <https://ojs.uc.cl/index.php/cdi/article/view/24451>. Acesso em: 14 jul. 2024.

UNZELTE, Celso; PRADO, Magaly (org.). **Jornalismo Esportivo**: relatos de uma paixão. São Paulo: 2009, p. 7-9. v. 4.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

APÊNDICE



Capa do livro-reportagem: “Futebol é coisa de homem’ – O impacto da homofobia no esporte”.